

Missão Espiritana

Volume 21 | Number 21

Article 6

1-2013

Auto-Retrato

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Tavares, A. (2013). Auto-Retrato. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol21/iss21/6>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

- 27 de Maio: Pentecostes: fundação da Comunidade/Seminário do Espírito Santo, na capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, na igreja de S. Estêvão des Gres – lança assim os alicerces da Congregação do Espírito Santo;
- Outubro: III ano de teologia; o crescimento numérico dos seminaristas pobres obriga-o a interromper a sua formação teológica.
- 1704 – Dezembro: retiro de reorientação: escreve Reflexões sobre o Passado.
- 1705 – Primeiro colaborador: no retiro conclui que precisa de colaboradores; o primeiro foi Miguel Vicente Le Barbier.
- 1706 – 18 de Dezembro: Cláudio é ordenado subdiácono
- 1707 – 19 de Março: é ordenado diácono;
- 17 de Dezembro: é ordenado sacerdote. As três ordenações realizaram-se em Paris.
- 1709 – 2 de Outubro: Cláudio Francisco Poullart des Places morre de doença infecciosa, em consequência de um inverno rigoroso e da subsequente fome; é enterrado na vala comum dos clérigos pobres em S. Estêvão do Monte.

3 - Auto-Retrato

«Pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil» (1Cor 15,10).

Em algumas histórias de santos, as coisas são apresentadas de tal maneira que ficamos com a impressão que, desde o nascimento, a pessoa já era perfeita, em tudo impecável.

Estou, porém, convencido que, à excepção da Imaculada Virgem Maria, o santo é sempre alguém marcado pela fragilidade da condição humana e, o que é mais ainda, pelos dinamismos de pecado que atravessam o nosso mundo e o nosso coração. A diferença está nisto: o santo, uma vez que se encontra com a beleza e a bondade do amor de Jesus Cristo, entrega-se, sem reservas e com total confiança, a Deus e à realização da sua vontade.

Embora a Igreja ainda não tenha reconhecido a santidade de vida de Cláudio Francisco Poullart des Places, estou interiormente convencido de que ele é verdadeiramente santo. Na verdade, a partir do retiro de conversão e discernimento vocacional que realizou aos 22 anos, o jovem Cláudio fez da sua vida uma oferta incondicional de amor a Cristo, em favor dos irmãos.

É, porém, a partir da sua realidade humana, vista á luz de Deus, que o jovem Cláudio Francisco empreende este caminho de entrega ao Senhor e de serviço aos pobres. Caminho que o levou, não sem

momentos de provação e deserto, a fundar a Congregação do Espírito Santo, quando tinha apenas 24 anos; e a morrer, em consequência da sua entrega generosa ao serviço dos pobres, com apenas 30 anos de idade.

Gostaria que apreciasse a profundidade deste retrato que ele traçou de si mesmo – no retiro acima referido –, pois foi a partir desta sua realidade humana contrastada, rica de dons, mas marcada também pela fragilidade e pelos dinamismos de pecado, que Deus, pela força do Espírito, realizou a obra da sua santificação:

«Tenho uma saúde maravilhosa, embora pareça bastante delicado. Tenho bom estômago. Alimento-me à vontade de toda a espécie de víveres, e nada me faz mal. Mais forte e vigoroso do que qualquer outro. Resistente à fadiga e ao trabalho, mas muito amigo, no entanto, do repouso e da preguiça, não me aplicando a não ser por razão e ambição. Naturalmente delicado e brando, excessivamente complacente, quase não podendo desgostar alguém, e é apenas nisto que sou constante. Tenho um pouco de sanguíneo e muito de melancólico. De modo excessivo, bastante indiferente pelas riquezas, mas muito apaixonado pela glória e por tudo o que pode elevar um homem acima dos outros, pelo mérito. Fico cheio de inveja e desespero com os sucessos alheios, mas sem deixar transparecer esta indigna paixão e sem fazer nem dizer nunca nada para satisfazê-la. Muito discreto nas coisas secretas, bastante político em todas as acções da vida. Empreendedor em meus projectos, mas apagado na execução. Procuro a independência, mas sou escravo da grandeza. Tenho medo da morte. Sou, por consequência, cobarde. Mas, apesar disto, incapaz de sofrer uma afronta importante. Lisonjeiro a respeito dos outros, mas impiedoso para comigo quando cometo uma falta aos olhos do mundo. Sóbrio nos prazeres da boca e do paladar, e bastante reservado nos da carne. Admirador sincero das verdadeiras pessoas de bem. Amante, por consequência, da virtude, mas não a praticando quase nada. O respeito humano e a inconstância são, para mim, grandes obstáculos. Por vezes, sou devoto como um anacoreta, ao ponto de levar a austeridade para além do que se pede a um homem neste mundo. Outras vezes, sou mole, relaxado, tívio no cumprimento dos meus deveres de cristão. Sempre assustado quando me esqueço do meu Deus e peço. Escrupuloso em excesso, e quase tanto no relaxamento como no fervor. Conhecendo suficientemente o bem e o mal, e não me faltando nunca as graças do Senhor para descobrir a minha cegueira. Gosto muito de dar esmola. Compadeço-me naturalmente da miséria alheia. Odeio os maldizentes. Nas igrejas, guardo respeito, sem hipocrisia. Eis-me por inteiro. E quando olho este retrato, encontro-me perfeitamente pintado».